



# Paralelos entre o design de ambientes e a memória: a casa da família Antunes Cunha em Sobradinho-DF.

Ester Antunes;<sup>1</sup>

Isabella Pontello Bahia;<sup>2</sup>

---

## Resumo:

O presente artigo consiste na apresentação dos resultados de um trabalho de conclusão de curso que procurou compreender de qual maneira o design de ambientes, como disciplina, pode contribuir para a formação de identidade e conseqüentemente de memória em grupos de indivíduos, nesse caso particular, de uma família. O objeto do estudo proposto é uma casa localizada na cidade de Sobradinho no Distrito Federal que foi habitada pela família Antunes Cunha no início da década de 60. Esta pesquisa de caráter qualitativo com natureza histórica se fundamenta em revisão bibliográfica para o entendimento do contexto político, social, cultural e urbano no qual a casa se localizava e de qual forma estes aspectos também foram definidores na relação entre o objeto de estudo e seus frequentadores. Ademais, conceitos e ferramentas do design de ambientes orientam o estudo na medida em que aproximam a narrativa da simbiose entre espaços, em seus significados mais amplos, e o imaginário coletivo, possibilitando decodificar aspectos da cultura que são marcados pelos mesmos. Outrossim, fotografias, documentos oficiais e relatos obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas serviram de fontes primárias que, através da lógica interpretativa da hermenêutica, foram analisados a fim de pontuar elementos subjetivos formadores e transformadores da relação identitária dos indivíduos com o espaço estudado. Por fim, através dos resultados identificados foi desenvolvida uma representação gráfica da casa da família Antunes Cunha que partiu do imaginário afetivo e empírico da pesquisadora tendo em vista as possibilidades de análise que o design de ambientes e seus conceitos proporcionam por meio da pesquisa.

## Palavras-chave:

design de ambientes; imaginário afetivo; casa; objetos de memória; história oral.

---

<sup>1</sup> Design de Ambientes, Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, ester.0198069@discente.uemg.br

<sup>2</sup> Doutora em Design, Designer de Ambientes, Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, isabella.bahia@uemg.br.



## 1. Introdução

O presente artigo pretende explicitar, por meio da perspectiva do Design de Ambientes, as possibilidades de construção de memórias coletivas pautadas pelo ambiente, tendo a casa como referencial espacial. Nesta pesquisa, o objeto de estudo, a casa da família Antunes Cunha, está inserido na cidade de Sobradinho-DF em um contexto político dos anos 60 em que a nova capital do Brasil é erguida e logo ocupada, bem como seu entorno, pelos migrantes de todo o país. Esse cenário configura uma relação de apropriação norteada pelas relações humanas com o entorno, fator correspondente ao vínculo que a Família estabelece ao se mudar para a cidade satélite, consolidado principalmente por meio do afeto e das experiências sensíveis proporcionadas pelo ambiente.

De forma sintetizada, a pesquisa se desenvolve tendo como ponto de partida um desejo pessoal de compreensão de aspectos presentes na memória e atrelados a um espaço tempo particular responsáveis por marcar a identidade familiar da autora. Nessa perspectiva, o ambiente é elemento primordial para análise do comportamento dos indivíduos envolvidos no contexto estudado e se torna premissa para o desenho da pesquisa.

Para breve compreensão do contexto particular dessa mudança é importante entender que Brasília atraiu ao longo dos seus anos de materialização inúmeros trabalhadores, tanto do setor civil, quanto de setores administrativos e comerciais, e é nessa circunstância que a família se desloca para a cidade satélite de Sobradinho em busca de novas possibilidades de empreendimento. A Granja Novo Oeste, empreendimento de Fernando com os irmãos, estabeleceu-se por meio de incentivo do Governo Federal que no período propunha a instalação de produtores na região adjacente à capital. A casa principal do terreno se torna então lar para a família: Fernando, Márcia e seus dois filhos, Luciano e Adriana. Durante uma quase década se faz palco de memórias eternas; de trabalho contínuo, conexão com a terra e encontros afetuosos; das quais foi possível, através da presente pesquisa, identificar a associação da relação íntima produzida pelo espaço com os sujeitos, à identidade familiar e às memórias que persistem nos grupos em questão.

A pesquisa de caráter qualitativo e natureza histórica se delinea a partir de um Estudo de Caso Simples no qual a coleta de fontes primárias se consolida por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com os antigos moradores da casa. Ademais, a revisão de bibliografia possibilita compreender o contexto em que o objeto de estudo está inserido bem como os conceitos relativos ao Design de Ambientes que norteiam o entendimento dos aspectos sensíveis como desdobramento da relação entre homens e espaço. Outrossim, os dados obtidos na fase de coleta foram sistematizados através da metodologia da micro história e analisados a partir de uma adaptação da ferramenta Quadro de Diretrizes Projetuais (QDP) formulada por Samantha Moreira (2010). Os princípios interpretativos da hermenêutica foram também bases orientadoras para compreensão dos aspectos sensíveis que revelavam a relação íntima entre os homens e os espaços ocupados por grupos. Finalmente, visando explorar possibilidades de criação derivadas do QDP, foi desenvolvida em parceria com a Designer Ana Bê<sup>3</sup> uma resposta visual que condensa as descrições sensíveis obtidas durante a pesquisa, em videografia.

## 2. Metodologia Científica

Godoy (1995, p.58) sugere que a pesquisa qualitativa se propõe a desvendar questões de forma sistemática, entretanto, sem o intuito de “enumerar e/ou medir” o assunto pesquisado, ou seja, não

---

<sup>3</sup>Link para portfólio da Ana Bê: [@anabbeee](https://www.behance.net/anabbeee)  
<https://www.behance.net/anabbe>



está vinculada a um “instrumental estatístico” no momento em que os dados são interpretados. Sob essa ótica, Godoy propõe que a pesquisa qualitativa define-se como um “esforço cuidadoso” para obtenção de novas informações a respeito de um assunto ou para potencialização de um tópico já tratado anteriormente. Ademais, a autora comenta que “do ponto de vista metodológico, a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador, colocar-se no papel do outro” (Godoy, 1995, p.61).

Nesse sentido, a investigação acerca da relação sensível entre espaços e indivíduos que o ocupam e os impactos dessa troca para a memória e identidade de um grupo, propõe em sua metodologia uma aproximação entre objeto de estudo e pesquisadora, pautada pelo entendimento do contexto em que este estava inserido, bem como, a perspectiva pessoal de cada sujeito envolvido nesse vínculo. Para tal, a pesquisa de caráter histórico buscou compreender, através de revisão bibliográfica, o cenário político histórico e cultural de Brasília nos anos 60 e seus efeitos no âmbito nacional e regional. Outrossim, buscou-se assimilar conceitos e autores que investigam o sensível, dentro do design de ambientes e disciplinas correlatas, ao objeto de estudo e seus personagens, com base em literatura científica, jornalística e documental. Estas informações proporcionaram melhor entendimento a respeito da relação ser humano-espaço e evidenciaram a importância do estudo das relações humanas se pautar na relação pesquisador-sujeitos.

Partindo dessa premissa, para então obter informações a respeito da casa estudada, dos indivíduos vinculados a ela, do contexto particular à família e das experiências pessoais relacionadas ao objeto de estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas considerando a espontaneidade que este método possibilita mesmo diante de um roteiro definido. Ademais, a metodologia de investigação proposta pela micro história conferiu relevante papel para análise do discurso como ferramenta de compreensão de contextos através de escalas menores, abordagem que promoveu credibilidade ao estudo de caso proposto, uma vez que o discurso está diretamente associado à memória dos familiares, sendo, de acordo com Freitas (2017, p.21) um “instrumento de acesso à experiência dos atores”, permitindo construir então uma “trajetória de aproximação com os personagens” (Antunes, 2025, p.38). Adicionalmente, durante as entrevistas foram recolhidos documentos e fotografias relativos à família Antunes Cunha que puderam enriquecer as fontes primárias e ilustrar o discurso dos envolvidos.

Por fim, de acordo com Gil (2008, p. 177) na análise de dados em pesquisa qualitativa importante papel é atribuído à interpretação integrada de dados obtidos na coleta com informações, fundamentos teóricos e conhecimentos obtidos na revisão bibliográfica. Desse modo, objetivando processar os relatos e experiências sensíveis identificados durante as entrevistas - tendo em vista a leitura socioespacial conduzida pela revisão de literatura - e identificar os aspectos que relacionam o espaço, a casa da Família Antunes Cunha, à memória e identidade dos indivíduos, foi desenvolvido um esquema de decodificação de informações que possibilita instrumentalizar as evidências da relação afetiva com o espaço, presentes na memória, em práticas de design (Antunes, 2025, p.38). O Quadro de Diretrizes Projetuais é uma metodologia de projeto de design de ambientes desenvolvida por Samantha Moreira (2010) dentro da Escola de Design da UEMG que possibilita traduzir informações adquiridas no momento inicial de um processo criativo (*briefing*) em materialidades e diretrizes projetuais.

Por meio dessa ferramenta, é possível articular orientações semióticas e fenomenológicas para o produto, determinar princípios para a ordem e organização dos artefatos no espaço, indicar elementos da composição do ambiente como meio para alcançar resultados positivos intencionados no conceito (Moreira, 2010, p: 2037).



Tendo como premissa o entendimento da dinâmica operacional dessa ferramenta, foi possível desenvolver uma tabela similar em que o processo é invertido, uma vez que não há intenção de criar um ambiente, e sim criar a partir de um ambiente. Nesse sentido, as informações sensíveis obtidas durante a pesquisa - descrições detalhadas de sensações, sentimentos, experiências e da forma do espaço - resultaram em lógica de projeto, na qual foram reveladas referências semânticas relativas à intenção e direcionamento de escolhas que definiram um espaço como espaço de memória, a partir de suas particularidades.

### 3. Referencial Teórico

#### 3.1. De Brasília às cidades satélites: reflexões sobre construção e produção de cidades

O ano de 1961 marcou a inauguração de Brasília, a nova capital do Brasil. O ambicioso projeto desenvolvido na gestão de Juscelino Kubitschek (1902 - 1976) representava a síntese dos ideias modernos propostos pelo então Presidente e fazia parte de um programa denominado cinquenta anos em cinco, no qual o crescimento da produção brasileira estaria pautado em 31 objetivos direcionados às áreas de transporte, indústria energia e alimentação. A partir desse parâmetro, JK entendia que a construção de uma nova capital que reproduzisse a lógica política moderna no centro do território brasileiro possibilitaria melhor controle da produção, agora inovadora no sentido de abrangência, e maior domínio dos processos e dos acessos às regiões mais afastadas do litoral.

Com o intuito de materializar sua proposta política e legado de seu mandato, JK abriu em 1956 o concurso para o projeto urbano da nova cidade, que teve como ganhador o Plano Piloto, desenvolvido por Lúcio Costa (1902 - 1998) (De Souza, 2025, p.19). A proposta ganhadora apresentou alto índice de avaliações positivas por parte do júri especialmente por exprimir a noção moderna que o presidente procurava representar em seu maior feito, “a melhor idéia para uma cidade-capital unificada, e uma das contribuições mais interessantes e mais significativas feitas em nosso século à teoria do urbanismo moderno” (Ceballo, 2005, p. 50). Entretanto, foi exposta, ao longo dos anos de construção da estratégia urbana desenvolvida por Lúcio, uma lacuna relativa a proposições direcionadas ao planejamento do território periférico à cidade agora denominada Brasília.

Derntl (2019b) comenta que o arquiteto propôs uma ocupação que girasse em torno do crescimento da capital, nessa perspectiva, o território adjacente seria periodicamente apropriado e desenvolvido mediante a necessidade orgânica da população. Todavia, não estava previsto, na lógica organizacional e burocrática do plano piloto, a permanência de centenas de trabalhadores relacionados às obras de construção da cidade, comerciantes, e migrantes que buscavam em Brasília, nova oportunidade de trabalho e bem estar. De acordo com a autora, estava implícita a possibilidade de ocupação do território rural por meio das Cidades Satélites - “a cidade modernista de tamanho limitado e traçado ordenado seria o marco inicial de uma ocupação planejada de seu território, podendo-se entender que estava implícito o crescimento por meio de cidades-satélites também ordenadas” (Derntl, 2019b, p. 30) - contudo, o crescimento descontrolado dessas regiões exigiu que o cronograma antecipasse o planejamento dos novos centros urbanos.

As cidades satélites implementadas ao redor de Brasília configuraram um modelo urbano característico das *New Towns*, núcleos urbanos construídos no final da Segunda Guerra Mundial a partir da necessidade de “desurbanizar” as metrópoles europeias em crescimento exponencial. Concomitantemente, as *New Towns* viabilizaram a criação de polos produtivos, uma vez que atrelados à política de ocupação do novo território, foi fomentado o crescimento das atividades industriais e agropecuárias, transformando o cenário de países como a Inglaterra. Outra característica fundamental referente à implementação das cidades satélites é a não dependência da “cidade mãe” no que diz



respeito à disponibilidade de equipamentos públicos, empregos e lazer, mesmo que em sua maioria, os moradores desempenhem funções na metrópole associada. Em cenário oposto na realidade brasileira, as cidades satélites foram denominadas “cidades dormitório”. “Técnicamente, uma cidade-satélite deve em seu domínio assegurar um equilíbrio básico entre oferta de moradias e oferta de empregos (indústria, comércio e serviço)” (Trevisan *et al.*, 2021, p. 10). Em contrapartida, o cenário estabelecido logo após a inauguração da nova capital revelava explícita hierarquia na dinâmica entre Brasília e as cidades satélites, sobretudo no que se diz respeito à política habitacional.

Sobradinho, Taguatinga e Gama foram as primeiras cidades-satélites ocupadas pela população e as plantas referentes aos projetos desenvolvidos pela Divisão De Urbanismo e aprovadas pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) datam do final dos anos 1950. Um dossiê apresentado por Derntl (2019a) explicita, por meio de entrevistas, a perspectiva de moradores da periferia de Brasília marcada pela desapropriação - os acampamentos de empreiteiras abrigavam inúmeras famílias que estruturaram suas vidas em torno da construção de Brasília. As ocupações eram desenvolvidas, possuíam um sistema de comércio local e fluxo independente de pessoas - pela negligência do poder público em relação às políticas habitacionais, pelo descaso aos aparelhos públicos e pela constante reafirmação que estes espaços não eram Brasília, estavam subordinados à ela. Nesse contexto, foi evidente que a comunidade, como um corpo capaz de se movimentar, se dispôs, em inúmeras mãos, a construir e se apropriar substancialmente do espaço de maneira coletiva. Esse comportamento foi descrito pela autora como uma “persistência de práticas tradicionais de agrupamento”, fato que fundamentou um sentimento de pertencimento a um espaço antes dissociado aos moradores (De Souza, 2025). Em suma, os territórios marcados pela intervenção de grupo, por experiências coletivas, são notadamente formadores de memórias associadas a ele, de acordo com Halbwachs: “o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa” (Derntl, 2019a, p.13 *apud* Halbwachs, 1990, p. 133).

### 3.2 Bases sensíveis: ambiências em Design

Tendo em vista a noção de que o espaço é formador e transformador de memórias individuais e de grupos, entende-se que estudar o espaço empreende compreender as relações humanas e possivelmente associar evidências à impactos futuros. No caso do estudo proposto, as memórias da família Antunes Cunha, transformadas em identidade e prática familiar, manifestam-se de maneira condicionada ao espaço tempo em que ocorreram, no sentido físico (casa) e onírico (Antunes, 2025, p30).

À luz disso é interessante compreender que o ambiente dentro da disciplina do Design é definido de acordo com Bahia (2024, p.32) como o “conjunto das circunstâncias, substâncias ou condições que nos envolvem”, em síntese, é composto por elementos físicos e não físicos que unidos se referem a um “recorte espacial e/ou temporal”. Outrossim, a percepção, fator subjetivo a cada indivíduo, está diretamente associada aos elementos intangíveis que constituem os espaços e isso possibilita que a compreensão e o impacto a cada sujeito seja relativa à interpretação pessoal. Um mesmo espaço pode possuir diferentes significados a depender de quem está sendo atingido.

Nessa concepção o ambiente e o processo de construção de um ambiente abraçam algumas variáveis materiais e outras que extrapolam o físico e dialogam com a percepção, com o contexto e com a bagagem sociocultural de cada pessoa que virá a ter contato com aquele espaço (Bahia, 2024, p. 33).

Sob essa perspectiva, o trabalho do Designer de Ambientes, como aquele que projeta, designa, para o outro, se desdobra em compreender, para além do meio material, o universo intangível, passivo à



peçoalidade, isso por que, segundo Thibaud (2010, p. 6) “o meio ambiente não é um mero recipiente ou uma entidade externa que pode ser estudada independentemente da experiência que ele cria”.

Visando definir as experiências particulares à relação entre ser humano-espço, Thibaud (2004) propõe o termo “ambiência” como o conjunto de percepções provenientes dos estímulos produzidos pelo espço sob um sujeito. “Definida como a atmosfera moral e material que circunda um lugar ou uma pessoa, a ambiência é precisamente a noção que questiona essa divisão e impulsiona sua desconstrução” (Thibaud, 2010, p. 7). De acordo com o autor, o termo derivado do latim, *ambire*, corresponde ao ato de contornar, rodear, e revela a existência da experiência do referencial espacial condicionada à percepção humana. Tal como Thibaud, Augoyard (2008) também explora a ambiência como conceito *sine qua non* para pesquisas em psicologia espacial e áreas adjacentes, mesmo que interdisciplinares. Bahia (2024, p.41) introduz a definição abordada pelo autor: “apesar de tratarem da intangibilidade das vivências e sensações, não se resumem na sua evocação e sim na descrição detalhada de tudo aquilo que permeia, orienta e motiva a experiência e, portanto, abarca as causas e consequências do espço vivenciado.”

Em suma, em busca de assimilar as experiências descritas pelas entrevistadas como importante fonte de informações à respeito da relação estabelecida entre a casa e a família, os conceitos estudados por Thibaud e Augoyard auxiliam na interpretação das minúcias envoltas em um discurso e possibilitam a tradução do espço a partir do seu impacto nos indivíduos. Impactos esses que atravessaram gerações e conduziram a forma com que essas se relacionam com os espços de vivência. Na perspectiva de Bahia (2024, p.53) a compreensão de ambiências orienta uma prática sensível e mais próxima de “movimentos do cotidiano” isso por que a prática do design exige a decodificação do universo sensível pertencente ao outro, esse caminho engrandece a capacidade de entendimento a respeito das necessidades, prioridades, anseios e afetos do sujeito. (Antunes, 2025, p.29).

Isso posto, ao se tratar de uma casa, é interessante pontuar o pensamento de Felipe (2010, p.301) que condiciona o morar à existência humana “anterior a toda arquitetura”, inicialmente no espço total que o existir proporciona, no espço denominado “mundo”, e em sequência, quase como um movimento natural em resposta à esse comportamento, habita-se a casa, seja lá qual a sua configuração. A casa então, é “gênese do pensamento sobre o espço da comunidade” (Antunes, 2025, p.30), uma vez que é construído pelo todo, sendo público, une em sua essência sensibilidades múltiplas, ex: a casa da saúde, a casa do ensino, entre outras. Sob a perspectiva de Bachelard (1989), a casa configura um microcosmo das sensibilidades humanas, em seus cômodos estão refletidas as subjetividades dos indivíduos que se estampam no cotidiano, nas relações interpessoais e com os espços exteriores. Ainda nessa abordagem, o autor define que a casa, em sua imagem simbólica e em sua materialidade converge em uma significação maternal, em que o sentimento de abrigo permite a recriação de um universo “sobre um pano de estabilidade em meio ao caos” (Antunes, 2025, p.30).

A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. Reimaginamos constantemente sua realidade: distinguir todas as imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa (Bachelard, 1989, p.208).

O estudo de Parente (2009, p.78) conclui ainda a noção do pensamento de Bachelard de que a casa orienta, a partir das primeiras experiências vivenciadas em torno dela, a estrutura psíquica por meio de “imagens mnemônicas”, e subsidia a relação futura com outros espços ocupados pelo sensível, como explicita a autora: só com essa sustentação imagética, advinda da experiência vivida em relação aos diferentes elementos da casa, o homem pode tanto se dispersar por espços mais abrangentes como imergir em detalhes de lugares minúsculos” (Parente, 2009, p.78). A pesquisa aqui apresentada evidencia o vínculo estreito entre as experiências domésticas da primeira infância (como foi o caso de



Adriana, entrevistada pela autora) e a prática do habitar os espaços na maturidade, seus reflexos nas atividades para com o espaço e para as relações de afeto.

## 4. Resultados

Objetivando assimilar informações a respeito do objeto de estudo tratado para então compreender as relações estabelecidas por ele com as respectivas entrevistadas, foi montado um roteiro direcionador para que o caminho metodológico dos depoimentos não se perdesse e o maior número de informações pudesse ser coletado. A partir dessa cenário, foram realizados dois encontros, com Márcia e Adriana, mãe e filha e antigas moradoras da Granja Novo Oeste, que contaram suas experiências e lembranças mais marcantes à respeito do local, além de relatarem os marcos comportamentais que essa vivência proporcionou ao longo dos anos.

De acordo com os relatos das entrevistadas (Antunes, 2025, p.48), a Granja foi construída no final da década de 1950 por Fernando, marido de Márcia, e seus irmãos, que constituíam uma sociedade. O casal se mudou para Sobradinho no início dos anos 60 com o intuito de gerir a produção do estabelecimento e lá, estabelecem raízes à medida em que os filhos, Luciano e Adriana, nasceram. A propriedade contava com uma casa principal, onde morava a família, duas casas de apoio onde residiam respectivamente o caseiro com sua esposa e o engenheiro agrônomo responsável pela produção agrícola junto de sua família. Ademais, o terreno ainda possuía um galpão no qual eram realizadas as coletas de ovos e o cuidado com os frangos. Por fim, existiam ainda uma extensa horta onde eram produzidas variedades distintas de verduras e legumes e um córrego que contornava a área. As mercadorias eram comercializadas no entorno da área rural onde a Granja se localizava e em Sobradinho, principalmente para restaurantes e produtores de alimentos.

De forma objetiva, dentre tantos detalhes descritos por Márcia e Adriana, é interessante pontuar que a construção, de madeira pré fabricada, estava inserida no contexto climático do cerrado brasileiro, fator determinante para o comportamento dos indivíduos perante a edificação. “A casa estava implantada no Cerrado de Brasília. O Cerrado em pé. Era um Cerrado vivo” (De Souza, 2025). Outrossim, a própria construção, ampla, fresca e iluminada, direcionava o fluxo de vivência para o seu exterior, uma vez que a conexão com o externo, proporcionada pelas inúmeras aberturas distribuídas pelos cômodos, era convidativa. A vegetação cultivada ao redor da edificação variava entre pequenas flores coloridas a árvores de copas largas, vegetação essa que abraçava as crianças na constante procura pelo brincar. “Tinha aleluia. Quando chovia, (...) a gente ficava pulando, correndo no meio do mato, só para ficar batendo nos bichinhos, pegando os bichinhos (De Souza, 2025).” Adicionalmente, a entrada e a parte dos fundos da casa eram cercadas por uma varanda de guarda corpo branco que contrastava com a cor vermelho rubro da madeira das paredes. A varanda foi descrita pelas entrevistadas em diferentes situações, de lazer e trabalho, de descanso e de festa, mesmo do lado de fora, como o cômodo mais utilizado.

Eu me lembro assim, de circular na casa inteira, a gente tinha uma coisa legal na casa, a gente atravessava a casa, porque ela tinha uma porta virada para varanda da frente e uma porta virada para varanda do fundo (...) Fazia essa experiência de ir e vir, de atravessar essa casa. Atravessava, passava para o meio da casa, aparecia na outra varanda fazendo não sei o que lá no fundo, que na verdade dava para porteira de entrada. Corria por fora (De Souza, 2025).

Sob o mesmo prisma, o discurso das entrevistadas - ao descreverem sensações fisiológicas relativas às experiências vividas dentro da Granja Novo Oeste - se pautou especialmente no alimento, o cheiro dos

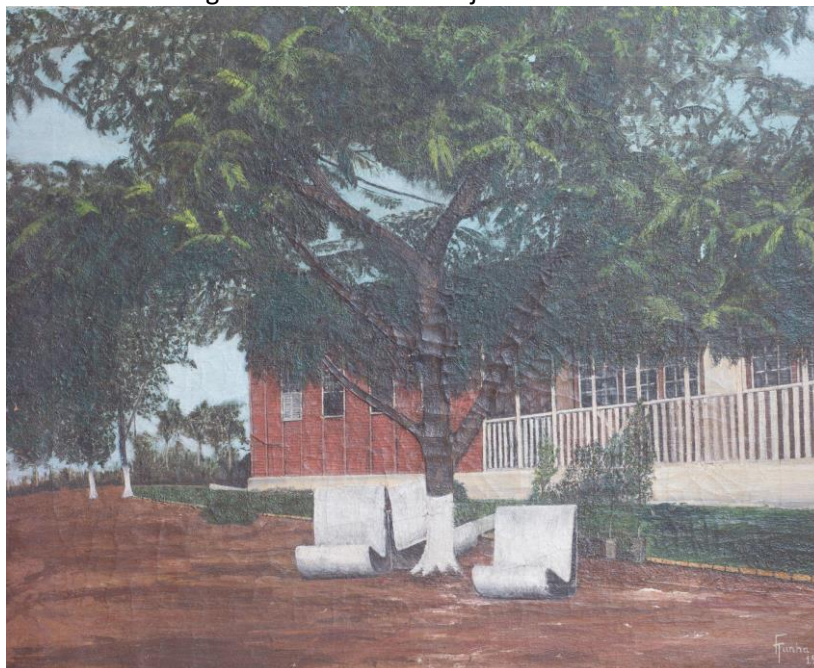


alimentos, o calor dos alimentos, o trabalho que os alimentos exigiam, isso por que a cozinha era um espaço de afeto, no sentido literal, de afetar. A cozinha transmutava o amor em delícia e em seguida em memória. Na granja era assim, uma constante sinestesia, fruto do encontro entre indivíduos, natureza e materialidades, isso configura o espaço.

Tinha muita verdura na minha casa, muito legume, muita fruta, porque era uma horta gigante (...) que tinha tudo e as árvores espalhadas, muita manga, muito legume de fundo de terra que eu amo. Então, eu acho que eu trago para os meus hábitos, assim, dessa cozinha, é isso, o gosto pelos alimentos, pelo cheiro dos alimentos, sabe? Eu acho que eles são fundamentais, a terra. (...) para além de aprender uma receita especificamente (...) é perceber a cozinha. Entender que cozinha é um lugar de calor, de conversa, de delicadeza e ao mesmo tempo de trabalho, né? Por exemplo, você tem um almoço, né? Eu lembro disso, você precisa trabalhar muito para aquilo, então é um lugar também de esforço, de ordem, né? Eu percebo assim que a minha cozinha tem esse um caráter meio de ordem (...) de uma certa disciplina (De Souza, 2025).

Eu tenho muita saudade da vida que a gente tinha ali. Aquela vida de trabalho, de chegar de noite você tem que entrar para fazer comida ainda para para jantar. De ter que jantar. Lá em casa tinha que ter jantar. Eu vinha da luta lá de fora: molhar grama, podar grama e fazer coisas lá fora. Quando a gente saía lá de fora, já tava às vezes escuro, chegava dentro de casa e ainda ia fazer jantar, uma comidinha para de noite, né? É, essa parte da tarde é que eu gosto de lembrar. A gente chegar em casa depois de um dia de muito serviço, já tava escuro, ir para cozinha para fazer um jantar, uma comidinha para a gente, um mexido, uma sopa (Cunha, 2025).

Fig. 1 - Fachada da Granja Novo Oeste.



Fonte: Fotografia de Mariana Gonzaga da pintura de Francisco Cunha, 1966.



Dentre tantos retratos de um mesmo espaço, ilustrado acima na Figura 1, delineados minuciosamente por Márcia e Adriana, ilustrados pelas imagens guardadas na memória, prevalece um sentimento de caráter saudoso (Antunes, 2025, p.56), isso porque simplificam os fatos à dimensão afetiva envolta nos tempos anteriores, tempos estes desejosos, mas que não tem retorno, apenas no imaginário coletivo. De acordo com Nascimento e Menandro (2005), entretanto, a memória saudosa tem potente valor no presente, uma vez que possibilita a avaliação qualitativa dos fatos e de seu impacto na “experiência patente”. Quando compartilhada, de acordo com Halbwachs (1990), a memória apresenta natureza coletiva, definida pela confirmação de pontos de concordância fragmentados na noção de cada indivíduo. Estes argumentos se atestam quando, no discurso das entrevistadas, o ambiente é o ponto de convergência entre as lembranças familiares, mesmo que a partir de perspectivas distintas, assim como demonstra Halbwachs (1990), é o quadro espacial que preserva as lembranças no meio material que as cerca, possibilitando recuperá-lo. É o desejo constante de re(estar) em um ambiente - através da prática cotidiana, mesmo que espontânea, adquirida pelo estado afetado - que nos permite alcançá-lo na memória.

Ao contrário do tempo, o espaço reúne e concentra “belos fósseis de duração”, que se concretizam devido a longas permanências. O tempo é abstrato, etéreo, e só ganha corpo ou espessura ao enredar-se em imagens espaciais. (Parente, 2009, p.83)

Eu compro objetos que lembram aqueles objetos. Então, por exemplo, eu gosto de coisa antiga, mas eu não gosto de todas, eu gosto dos que tem florzinha, “xicrinhas” que tem beira é filetada a ouro ou dourada. Eu gosto de uma alcinha rococó, de um pires que tem um adorno para além da pintura. Uma louça, às vezes, antiga, mas muito reta, sem nada, lisa, assim, eu já não faço questão. Eu tô mais para essa louçaria que tem cara de vovó, que é onde parece que eu quero chegar [na memória] (De Souza, 2025).

Com base na discussão a respeito da construção da memória e com o propósito de esclarecer a possibilidade de se projetar a partir dela, foi desenvolvido um QDP, inspirado na metodologia de projeto de design de ambientes construída por Samantha Moreira (2010). A ferramenta possibilitou organizar os dados simbólicos, estéticos e funcionais captados nos discursos das entrevistadas e revelados através da descrição das **ambiências** experienciadas na Granja Novo Oeste, e sistematizá-los para criação de diretrizes conceituais e projetuais definidoras da relação particular estabelecida entre usuário e espaço. Enfim, a tabela permite - a partir da interpretação das informações geradas - a criação de produtos de diferentes naturezas visuais (Antunes, 2025, p.59).

Em síntese, como proposto por Samantha, a tabela (Figura 2) se estrutura a partir de 4 pilares centrais: característica, caráter, princípio do design e elementos da composição. Essas categorias se destringem ao longo da análise em possibilidades semânticas capazes de traduzir os aspectos sensíveis atrelados ao desejo do usuário, no caso de briefing de projeto, ou atrelados à memória, no caso da pesquisa em questão. Nessa perspectiva, foi possível definir um conceito relativo ao espaço-tempo tratado, materialidades relacionadas à ele, sensações que configuram o impacto do meio físico aos sujeitos e hipóteses projetuais.



Fig. 2 - Quadro de Diretrizes Projetuais.

ITEM	DESCRIÇÃO		FUNÇÃO/APLICAÇÃO		
<b>CARACTERÍSTICA (CONCEITO DE USO)</b>	ATRIBUTO QUE CARACTERIZA QUALITATIVAMENTE O AMBIENTE EM QUESTÃO, SUSCITANDO-LHE IDENTIDADE. DETERMINA A APARÊNCIA QUE O AMBIENTE DEVE TER, CONFORME CONCEITO ESTABELECIDO PARA O PROJETO. DEFINIR A CARACTERÍSTICA ADEQUADA PARA O AMBIENTE EM QUESTÃO AUXILIA EM SUA COERÊNCIA VISUAL, FORTALECENDO A INTENÇÃO DO PROJETO.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• SÓBRIO</li> <li>• FUNCIONAL</li> <li>• CHARMOSO</li> </ul>		
<b>CARÁTER (CONCEITO SEMÂNTICO)</b>	PROPRIEDADE INTENCIONAL ATRIBUÍDA AO AMBIENTE EM QUESTÃO, SUGERINDO CERTAS REAÇÕES EMOCIONAIS E ESTADOS DE HUMOR. DETERMINA A SENSÇÃO PRIMORDIAL QUE O AMBIENTE DEVE PROVOCAR NO USUÁRIO, CONFORME CONCEITO ESTABELECIDO PARA O PROJETO. DEFINIR A DETERMINAR O CARÁTER APROPRIADO PARA O AMBIENTE IMPLICA DAR-LHE PERSONALIDADE, REFORÇANDO A IDENTIDADE DO PROJETO.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• OTIMISTA</li> <li>• ACOLHEDOR</li> </ul>		
<b>PRINCÍPIO DO DESIGN</b>	<b>RITMO</b>	DIRETAMENTE LIGADO AO MOVIMENTO ORGANIZADO E CONTÍNUO DOS ELEMENTOS NA CONFIGURAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• REPETIÇÃO PERIÓDICA: CORREDORES DE CIRCULAÇÃO, JANELAS SIMÉTRICAS E REPETIDAS ETC.</li> </ul>		
	<b>UNIDADE-VARIEDADE</b>	ESTABELECE ORDEM À COMPOSIÇÃO A PARTIR DA IDÉIA DE AGRUPAMENTO DE SEUS ELEMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>• UNIDADE À VARIEDADE</li> </ul>	EM TORNO DE UM FOCO DE INTERESSE: O MORAR E TRABALHAR	
<b>ELEMENTOS DA COMPOSIÇÃO</b>	<b>LINHA</b>	RETA HORIZONTAL	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CALMA, REPOUSO, PAZ, SEGURANÇA, SISTEMA</li> </ul>		
	<b>FORMA</b>	FIGURATIVA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ICONOGRAFIAS DO PLANO PILOTO, DAS AMBIÊNCIAS TRATADAS</li> </ul>		
	<b>TEXTURA</b>	TÁTIL	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ÁSPERO, MACIO, QUENTE, POROSO, SECO, SUAVE</li> </ul>		
	<b>COR</b>	TEMPERATURA		<ul style="list-style-type: none"> <li>• QUENTE</li> </ul>	
		HARMONIA		<ul style="list-style-type: none"> <li>• CORES COMPLEMENTARES: VERDE E VERMELHO, AZUL E LARANJA.</li> </ul>	
	<b>MATERIAL</b>	MADEIRA		<ul style="list-style-type: none"> <li>• PINUS, EUCALIPTO ENTRE OUTRAS</li> </ul>	
		VIDRO		<ul style="list-style-type: none"> <li>• "CRISTAL", COLORIDO, JATEADO, TEXTURIZADO</li> </ul>	
		NATURAIS		<ul style="list-style-type: none"> <li>• COURO, CHIFRES, CASCOS, PELOS, FOLHAS, CAULES, CASCAS, FIBRAS, SEMENTES, RAÍZES</li> </ul>	
<b>CHEIRO</b>	AROMAS NATURAIS		<ul style="list-style-type: none"> <li>• TERRA MOLHADA, MATO, ÁGUA CORRENTE, ESTERCO, DOCES, LENHA</li> </ul>		
<b>SABOR</b>	DOCE, ÁCIDO		<ul style="list-style-type: none"> <li>• FRUTAS FRESCAS, OVOS, LEITE, AÇÚCAR</li> </ul>		

Fonte: Antunes (2025, p.59)

De forma resumida, as categorias receberam adjetivos - relacionados à respectiva definição - considerando os discursos coletados ao longo da pesquisa, e foram usados trechos para justificativa de cada resolução, que, em virtude da delimitação de laudas, não serão descritas nessa comunicação. Estabeleceu-se como característica, atributo que qualifica o ambiente, os adjetivos: sóbrio e funcional, como consequência do universo de trabalho que envolvia o cotidiano da propriedade; e charmoso em função do cuidado envolto nas atividades diárias. A respeito das sensações conduzidas pelo ambiente, pôde-se concluir, a partir da análise do discurso, que permeavam sentimentos de vigor e otimismo, atrelados principalmente ao entorno natural e ao tempo cronológico em que o trabalho, por mais que se configurasse intenso, ocupava outro espaço de importância - em relação ao ócio e ao lazer - em comparação à realidade contemporânea.

Em uma perspectiva de projeto de design, a característica e o caráter remetem diretamente ao conceito definido pelo profissional para o projeto, de forma análoga e pensando na possibilidade de se projetar a partir do destrinchamento da memória coletiva, foi definido que, para espaço tratado, petricor - na dimensão sinestésica de seu significado, é o "cheiro da chuva" - direciona a idealização física e simbólica da Granja Novo Oeste, atravessando fenômenos naturais, temperaturas, aromas e texturas. De acordo com a Academia Brasileira de Letras, petricor significa "aroma terroso produzido pela chuva quando começa a cair e atinge o solo, especialmente se o tempo estiver quente ou seco"<sup>4</sup> também descrito por Adriana como memória olfativa mais latente (Antunes, 2025, p.61).

<sup>4</sup> Petricor. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/petricor>. Acesso em: 22/11/2025.



[Quando você pensa na casa, quais cheiros te vem à mente?] A de chuva muito, porque a casa quando chovia era pouco. Então esse cheiro de poeira me vem. (...) E dentro de casa eu sinto assim um cheiro de cozinha, um cheiro quente (De Souza, 2025).

O Princípio do Design configura formas de organização relativas aos elementos de composição do espaço tratado, nesse sentido tem como princípio as leis da Gestalt: Escala, proporção, equilíbrio, ritmo, ênfase e unidade-variedade. Na casa da Granja Novo Oeste, descrita pelas entrevistadas e exemplificada por meio de um desenho em planta, é nítido que não houve um pensamento técnico para definição dessa organização, entretanto, é possível observar que os espaços e suas configurações são oriundos de uma intuição relacionada à função de cada cômodo. A partir dessa lógica, define-se Unidade à Variedade - fundamento em que um objetivo comum une elementos que podem ser aparentemente distintos - como um princípio do design referente ao espaço analisado. “No caso da granja como um todo, não apenas a casa, esse objetivo pode ser dividido entre o morar e o trabalhar” (Antunes, 2025, p.61). Em adição define-se também, como princípio do design, o ritmo, próprio da disposição de elementos de forma ordenada e repetida, caso explicitado na própria edificação principal com janelas e varandas que se repetem em simetria ao longo da fachada.

Finalmente, os elementos da composição, categorizados em 7 partes, comunicam as materialidades e escolhas projetuais relativas ao conforto, “elementos que indicam, por exemplo, a maior ou menor reflexão da luz solar, absorção do calor, refletividade, aproveitamento da iluminação e ventilação e entre outros aspectos definidores para o bem estar dos usuários.” Os componentes relativos à composição respondem diretamente à característica e ao caráter e concebem a atmosfera proposta pelo conceito, “ao se tratar da cor, [por exemplo] tendo em vista as ambiências identificadas, os tons quentes comunicam a sobriedade mas também o acolhimento que a vivência na propriedade proporcionou” (Antunes, 2025, p.62). Ademais, as materialidades presentes nas estruturas e nos objetos - linho, madeira, cerâmica, pedras naturais, lã - correspondem à dinâmica acolhedora e harmoniosa do ambiente bem como o uso das cores de forma complementar às presentes no meio natural, como o verde com o vermelho das paredes.

O vermelho é muito importante para mim, e verde, porque a minha casa tinha o entorno todo verde. Eu lembro da textura de araticum, que é uma fruta do cerrado, aquela textura marrom grossa assim. Eu vejo uma araticum, eu vou lá para Brasília e volto (De Souza, 2025).

Em última análise outros aspectos associados aos elementos da composição como, temperatura e aroma corroboram na construção da atmosfera descrita pelas entrevistadas e identificada por meio do QDP. Em síntese, a ferramenta se mostra eficiente na produção de respostas aos dados simbólicos, estéticos, funcionais e emocionais recolhidos e identificados ao longo da pesquisa e, possibilita a projeção de resultados qualitativos e desdobramentos visuais. Derivado do desejo de se criar um produto fruto da metodologia de decodificação estudada e em parceria com a Designer Ana Bê, foi desenvolvida uma videografia<sup>5</sup> associando as ambiências tratadas por Márcia e Adriana à iconografias que substanciam os resultados gerados pelo QDP.

---

<sup>5</sup> [PETRICOR\\_videofinal.mp4](#)



Fig 21- Videografia Petricor.



Fonte: Antunes (2025, p.64)

As cenas retratam descrições retiradas das entrevistas com Márcia e Adriana e partem da compreensão da análise proposta nesta pesquisa, destrinchada por Ana Bê em parceria com a autora. As escolhas visuais, sonoras e temporais foram definidas de acordo com os resultados propostos pelo Quadro de Diretrizes Projetuais construído ao longo da pesquisa, evidenciando a potencialidade metodológica dessa ferramenta.

## 5. Considerações Finais

Em síntese, o trabalho apresentado, em sua completude, delinea as possibilidades de investigação a partir da análise da memória de grupo tendo em vista o design de ambientes e suas ferramentas metodológicas de projeto e pesquisa como ponto de partida para a produção de estudos humanos e de produtos criativos. A partir desse entendimento mostra-se valioso o papel do profissional Designer de Ambientes como estudioso do comportamento humano, que tem o espaço como princípio da existência.

Nessa perspectiva, como definido pelo desenho de pesquisa, é necessário compreender a conjuntura que definiu o cenário no qual as memórias do estudo de caso proposto foram produzidas, em seu prisma político, social, cultural e urbano. Por conseguinte, apresentados os conceitos relativos à disciplina Design de Ambientes, é possível compreender aspectos da construção do referencial espacial que orientam a coleta das referências por meio das entrevistas semiestruturadas. Dentre os conceitos trabalhados, vale destacar Ambiência, sugerida por Augoyard, Bahia e Thibaud como princípio norteador da análise do discurso obtido considerando a complexidade que o termo apresenta para o estudo indivíduo-espço.

Mediante a estratégia organizacional estabelecida pelo Quadro de Diretrizes Projetuais (a decodificação de símbolos, interpretação semiótica) é possível associar as minúcias resgatadas no discurso - as ambiências - à um referencial espacial construído sob influência das sensibilidades produzidas por um espaço concreto. Esse referencial mostra-se capaz de caminhar por gerações e construir a noção do habitar - numa perspectiva ontológica - de maneira linear ou adaptada à nova realidade dos sujeitos. Dessarte, a concepção de um produto visual decorrente dos resultados obtidos na análise semântica dos discursos permitiu materializar, em cor, tamanho, textura e som, as



experiências produzidas pelo ambiente e marcadas na memória, substanciando a capacidade de pesquisa em design.

---

**Abstract:** This article presents the results of an undergraduate final project that sought to understand how environmental design, as a discipline, can contribute to the formation of identity and, consequently, memory within groups of individuals—in this particular case, a family. The object of the proposed study is a house located in the city of Sobradinho, in the Federal District, which was inhabited by the Antunes Cunha family in the early 1960s. This qualitative research, with a historical approach, is grounded in a bibliographic review aimed at understanding the political, social, cultural, and urban context in which the house was situated, as well as how these aspects were also decisive in shaping the relationship between the object of study and its users. Furthermore, concepts and tools from environmental design guide the study insofar as they bring the narrative closer to the symbiosis between spaces—in their broader meanings—and the collective imaginary, making it possible to decode cultural aspects inscribed in them. In addition, photographs, official documents, and accounts obtained through semi-structured interviews served as primary sources which, through the interpretive logic of hermeneutics, were analyzed in order to identify subjective elements that shape and transform individuals' identity-related relationship with the studied space. Finally, based on the identified results, a graphic representation of the Antunes Cunha family house was developed, drawing on the researcher's affective and empirical imagination, in light of the analytical possibilities afforded by environmental design and its concepts through research.

**Keywords:** environmental design; affective imaginary; house; objects of memory; oral history

## 6. Referências

ANTUNES, Ester Cardoso de Souza. **HISTÓRIAS DA CASA DE SOBRADINHO-DF: contribuições do design de ambientes para o resgate da identidade e memória afetiva familiar.** Monografia de conclusão de Bacharelado em Design de Ambientes. Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola de Design: Belo Horizonte, 2025.

AUGOYARD, Jean-François. **Faire une ambiance:** actes du colloque international. Bernin: À la Croisée, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAHIA, Isabella Pontello. **DESIGN, AMBIÊNCIAS E CARNAVAL: práticas e percepções nas ruas da cidade de Belo Horizonte - Brasil.** Tese (Doutorado em Design) Programa de Pós Graduação em Design. Universidade do Estado de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2024.

CEBALLOS, Viviane Gomes. **“E a história se fez cidade...” : a construção histórica e historiográfica de Brasília.** Dissertação (Mestrado em História) Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.



DERNTL, Maria Fernanda. Dos espaços modernistas aos lugares da comunidade: memórias da construção das cidades-satélites de Brasília. In: **Dossiê Cidades Imaginadas, Cidades Reais**. Resgate - Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 27, n. 1, p.11-34. Campinas, 2019a.

DERNTL, Maria Fernanda. O Plano Piloto e os Planos Regionais para Brasília entre os fins da década de 1940 e início dos anos 60. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.21, n.1, p.26-44. São Paulo, 2019b.

DO NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. **Memória social e saúde: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações**. In: Memorandum, v. 8, p. 5-19. Belo Horizonte; Ribeirão Preto, 2005.

FELIPPE, Maíra Longhinotti. **Casa: Uma Poética da Terceira Pele**. In: Psicologia & Sociedade; v.22 (2), p.299-308. Florianópolis, 2010.

FREITAS, Ana Luiza Cerqueira. **O curso de desenho industrial da FUMA: da criação aos primeiros egressos**. In: Histórias do Design em Minas Gerais. Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais: EdUEMG. P.17-48. Belo Horizonte, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo, Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, p. 57-63. São Paulo, 1995.

MOREIRA, Samantha C.O. **QDP-Design: metodologia para gerar soluções assertivas a partir de conceitos criativos**. In: Anais do 9º P&D Design, p. 2035-2046. São Paulo, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, Memória e Centralidade Urbana. In: **Mosaico - Revista do Mestrado em História - PUC Goiás** v.1, n.1, p. 3-12. Goiânia, 2008.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. In: COUTARD, Olivier; LÉVY, Jean-Pierre. **Ecologies urbaines**. Editions Economica: Paris, 2010.

THIBAUD, Jean-Paul. Ambiência. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Psicologia Ambiental**. Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente, São Paulo: Editora Vozes, pp.13-25, 2018.

THIBAUD, Jean-Paul. Une approche pragmatique des ambiances urbaines. In: THIBAUD, Jean-Paul; AMPHOUX, Pascal; CHELKOFF, Grégoire. **Ambiances en Débats**. Benin: A la Croisée, 2004.

TREVISAN, Ricardo; AMIZO, Isadora Banducci; LEMOS, Rubiana Cardoso Campos. Cidades-Satélites: o 2º cinturão de Brasília. In: **30º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Atualização Crítica. **Eixo temático 4: cidades, memórias e arquivos**. Brasília, 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001